ESTADO DE MINAS

Publicado em 11/07/2022 - 05:55

Intolerância. Ódio. Morte.

Apoiador do presidente Bolsonaro invade festa em Foz do Iguaçu e mata líder petista que comemorava 50. Mesmo atingido, ele atirou contra o agressor, que ficou ferido

Assassinato no Paraná provoca repúdio e preocupação no país

THAYS MARTINS

FOTOS: REDES SOCIAIS/REPRODUÇÃO

Marcelo Arruda festejava o aniversário, quando foi baleado duas vezes pelo policial penal José Guaranho, que está hospitalizado

O líder do Partido dos Trabalhadores em Foz do Iguaçu, no Paraná, foi assassinado ontem pelo policial penal Jorge José da Rocha Guaranho, apoiador do presidente Jair Bolsonaro (PL), durante a festa de aniversário do petista. Arruda comemorava os 50 anos quando Guaranho invadiu o local com uma arma e o matou. Arruda era guarda municipal, diretor do Sindicato dos Servidores Municipais de Foz (Sismufi) e tesoureiro do PT municipal. Durante a festa, na sede da Associação Esportiva Saúde Física Itaipu, Guaranho passou de carro e começou a entoar gritos de apoio a Bolsonaro e contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Marcelo foi levado ao hospital, mas não resistiu aos ferimentos. Marcelo deixa viúva e quatro filhos, entre eles um bebê de um mês.

O crime provocou forte repercussão no meio político. PT e Lula condenaram ato e presidente do Senado, ministro do Supremo Tribunal Federal e parlamentares reagiram ao assassinato do petista. Inicialmente, o PT confirmou a morte do agressor por meio de nota. À tarde, no entanto, a família do agressor e o hospital informaram que ele está internado, estável. Segundo uma testemunha, Guaranho estava com uma mulher e um bebê no carro e apontou a arma em direção à festa. "Nós estávamos na festa, que era temática do PT. Isso por volta das 11h30 (23h30), 11 horas, apareceu um cara, que não era convidado e que ninguém conhece, veio com um carro até a frente e começou a gritar dentro do carro: 'É o Bolsonaro, seus filhos da p., seus desgraçados! É o mito!'", disse.

"Nisso, o Marcelo foi até a frente, achando que era um convidado. Aí o cara tirou uma arma para fora, pela janela, aponta para o Marcelo, aponta para todo mundo. O Marcelo vê que o negócio é sério. Ele estava com um copo de chope na mão e joga na cara do cara e se esconde. Tenta se proteger da linha de tiro. O cara estava com uma mulher e um bebê dentro do carro. A mulher dele começou a gritar com ele: 'Para com isso! Vamos embora!'. O cara começa a ir pra frente e fala assim: 'Eu vou voltar e vou matar todos vocês, seus desgraçados!'. Ninguém acreditou, né?", complementou a testemunha.

Guaranho, contudo, retornou ao local segundo a testemunha. "Uns 15 minutos depois, o cara voltou. E nesse tempo o Marcelo falou: 'Cara, se esse maluco voltar, eu vou pegar minha arma'. Aí o Marcelo foi buscar a arma dele no carro e colocou na cintura. E aí passou uns 15, 20 minutos, o cara voltou e aí quando ele chegou, apontou a arma para o Marcelo. "Vocês têm que morrer tudo, seus vagabundos, vou matar vocês", disse outra testemunha ao site "Metrópoles". O Marcelo gritou 'Para! Polícia!'". "Aí, os dois se apontaram. Nisso, o cara deu um tiro na perna do Marcelo, que caiu. Aí o cara chegou em cima do Marcelo e deu outro tiro para executar, e o Marcelo conseguiu se virar e deu cinco tiros no cara. Se não fosse isso, o cara tinha feito uma chacina lá na festa", completou a testemunha.

A mulher de Marcelo, Pâmela Arruda, declarou que todos estão transtornados: "A gente está transtornado, transpassado. Eu não queria acreditar que fosse verdade. Estou com um bebê de 40 dias. A gente fez uma decoração do PT, porque o Marcelo é do PT. Ele ganhou algumas coisas do PT, do Lula, mas tudo brincadeira. Todo mundo brincando numa boa. Esse cara apareceu atirando". Segundo ela, no salão de festas havia crianças e um pai se jogou para proteger seu bebê. "É uma extrema estupidez tudo isso que aconteceu, perder o pai dos meus filhos por um extremismo ridículo. Isso é horrível. A dor de toda família é terrível", disse.

A esposa de Marcelo Arruda, Pamela Suellen Silva, descreveu o horror que tomou conta de todos. Segundo ela, no salão de festas havia crianças e um pai se jogou para proteger seu bebê. "É uma extrema estupidez tudo isso que aconteceu, perder o pai dos meus filhos por um extremismo ridículo. Isso é horrível. A dor de toda família é terrível", disse.

O filho de Marcelo Arruda, o vendedor Leonardo Arruda, de 26 anos, narrou em entrevista ao jornal "O Globo" que, antes da tragédia, "o ambiente estava maravilhoso". "O tema era sobre o PT, partido que ele se identifica, que ele gosta. Nós vivemos num país democrático, e devia ser assim. Uma pessoa não pode morrer por causa de uma questão política. Eu penso o seguinte: fez a festa do PT, Lula, que haja respeito. Se outra pessoa faz um aniversário com tema Bolsonaro, que respeite também. Não precisa ir num aniversário do rival e matar ele. Cada um comemora do jeito que quiser. A gente estava numa associação, num ambiente tranquilo", disse. Para Leonardo, "a pessoa estava tomada pelo ódio. Não pensa na família dele, nem na minha. Ele matou enquanto gritava aqui é Bolsonaro, aqui é mito. Estamos todos muito apavorados".

LEIA MAS SOBRE CRIME NO PARANÁ
Página 4

PT vê motivação política no crime e Lula lamenta e pede "diálogo". Presidente do Senado e ministro do STF repudiam intolerância. Bolsonaro afirma dispensar apoio de violentos

ALEXANDRE GUZANSHE/EM/D.A PRESS – 10/5/22

Ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT): "Precisamos de democracia, diálogo e tolerância e paz

REPRODUÇÃO

Presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD): "nos mostra, da pior forma possível, como é viver na barbárie"

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO – 21/2/17

Ministro do STF e do TSE, Alexandre de Moraes: "A intolerância, a violência e o ódio são inimigos da democracia"

Políticos e autoridades condenam assassinato

O assassinato do líder petista no Paraná, Marcelo Arruda, pelo bolsonarista Jorge da Rocha Guaranho, na madrugada de ontem em Foz do Iguaçu gerou repúdio e preocupação no mundo político. O PT lamentou o ocorrido e disse que Marcelo foi vítima da "intolerância, do ódio e da violência política". Pelo Twitter, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva também lamentou o ocorrido e destacou que duas pessoa acabaram morrendo pelo que ele atribuiu a "intolerância", inflamada pelo discurso do presidente Jair Bolsonaro (PL). "Uma pessoa, por intolerância, ameaçou e depois atirou nele, que se defendeu e evitou uma tragédia maior. Duas famílias perderam seus pais. Filhos ficaram órfãos, inclusive os do agressor. Meus sentimentos e solidariedade aos familiares, amigos e companheiros de Marcelo Arruda.", disse. "Guaranho não ouviu os apelos de sua família para que seguisse com a sua vida. Precisamos de democracia, diálogo, tolerância e paz.", acrescentou Lula, antes de saber que o agressor não morreu.

O PT cobrou ainda das autoridades de segurança pública que tomem medidas efetivas de prevenção e combate à violência política e ao Tribunal Superior Eleitoral e ao Supremo Tribunal Federal que "coíbam firmemente toda e qualquer situação que alimente um clima de disputa violenta fora dos marcos da democracia e da civilidade".

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, foi ao Twitter demonstrar seu pesar sobre a troca de tiros durante uma festa de aniversário em Foz do Iguaçu, no Paraná, que terminou com a morte do tesoureiro do PT Marcelo Arruda. "O assassinato de um cidadão, durante a comemoração de seu aniversário com a temática do candidato Lula, é a materialização da intolerância política que permeia o Brasil atual e nos mostra, da pior forma possível, como é viver na barbárie", escreveu Pacheco.

O senador falou da importância de combater o ódio, principalmente por parte dos líderes políticos, que fere os princípios da vida em família, em sociedade e em uma democracia. Para Pacheco, a convivência com o contraditório deve ser mais do que respeitada. "Deve ser preservada e estimulada, pois é dessa forma que podemos, por meio de diálogo e busca de consensos, evoluir para um país melhor. Meus sentimentos sinceros aos familiares", lamentou, na publicação.

"A intolerância, a violência e o ódio são inimigos da democracia e do desenvolvimento do Brasil. O respeito à livre-escolha de cada um dos mais de 150 milhões de eleitores é sagrado e deve ser defendido por todas as autoridades no âmbito dos Três Poderes", escreveu o ministro do Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Alexandre de Moraes. Já o ex-senador Cristovam Buarque (Cidadania) se mostrou preocupado com o futuro. "Talvez tenha sido dado ontem em Foz do Iguaçu o primeiro tiro da guerra civil que pode caracterizar a eleição deste ano. Durante guerra civil não há terceira via", afirmou.

PLANALTO O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou em uma rede social ontem que dispensa o apoio de quem "pratica a violência contra opositores". Na postagem, que, segundo Bolsonaro, é uma republicação de mensagem de 2018, o presidente também faz críticas à esquerda. A publicação do presidente da República ocorre horas depois do assassinato de Marcelo Aloizio de Arruda, guarda municipal e tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu (PR), na própria festa de aniversário do petista. Na postagem, no entanto, Bolsonaro não menciona o crime.

"Independente das apurações, republico essa mensagem de 2018: dispensamos qualquer tipo de apoio de quem pratica violência contra opositores. A esse tipo de gente, peço que por coerência mude de lado e apoie a esquerda, que acumula um histórico inegável de episódios violentos", afirmou Bolsonaro no Twitter. Na publicação, o presidente diz esperar uma apuração séria. "Que as autoridades apurem seriamente o ocorrido e tomem todas as providências cabíveis, assim como contra caluniadores que agem como urubus para tentar nos prejudicar 24 horas por dia", declarou.

■ PRESIDENCIAL E PARLAMENTARES

Em sua conta do Twitter, Ciro Gomes, pré-candidato à presidência pelo PDT postou: "É triste, muito triste, a tragédia humana e política que tirou a vida de dois pais de família em Foz do Iguaçu. O ódio político precisa ser contido para evitar que tenhamos uma tragédia de proporções gigantescas. Que Deus, na sua misericórdia, interceda em favor de nós, brasileiros, pacificando nossas almas, e traga conforto às duas famílias destruídas nesta guerra absurda, sem sentido e sem propósito", escreveu antes da informação de que o agressor está vivo.

Renan Calheiros, senador pelo MDB, de Alagoas, também se manifestou. "O assassinato de um líder sindical e dirigente partidário por um bolsonarista, mais que covardia, é tempestade gerada na usina de ódio e intolerância que Bolsonaro instila todo dia no coração dos brasileiros. Esse facínora (Jair Bolsonaro) precisa ser derrotado no primeiro turno", disse.

O também senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) avaliou nas redes sociais, que "não existe dois lados quando um deles é a barbárie! Um bolsonarista assassinou um pai de família, líder do PT, em Foz do Iguaçu durante sua festa de aniversário. Nossa solidariedade aos familiares de Marcelo Arruda. Isso é inconcebível! Intolerável em qualquer sociedade! A intolerância mata, acaba com famílias e faz o ódio vencer. Marcelo Arruda tinha 50 anos, deixou esposa e quatro filhos, entre eles um bebê de 1 mês. Essa intolerância infelizmente se reforçou no Brasil nos últimos anos".

O senador Alexandre Silveira (PSD-MG) escreveu: "Alguém por intolerância e violência política tirou a vida de Marcelo Arruda em Foz do Iguaçu. Meus sentimentos e solidariedade aos familiares, filhos e amigos da vítima. Precisamos de paz, diálogo e respeito. O Brasil não pode permitir que os extremos acabem com a vida de alguém". A deputada do PCdoB-RJ Jandira Feghali destacou: "O ódio dessa gente, o fascismo, não suporta quem pensa diferente. É preciso arrancar esse pensamento do comando do país. Que horror! É preciso punir este assassino e todos os responsáveis pelos outros atentados. Solidariedade à família do Marcelo". E o ex-ministro da Justiça Sergio Moro (União) disse que é preciso "repudiar toda e qualquer violência com motivação política ou eleitoral". "O Brasil não precisa disso", sintetizou.

Agressor se diz um cristão conservador

BRUNO LUÍS ROCHA

O policial penal Jorge José da Rocha Guaranho – que executou a tiros o tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT) Marcelo Arruda – já defendeu em suas redes sociais uma forte punição para qualquer ação violenta. O crime aconteceu na madrugada de domingo, em Foz do Iguaçu, no Paraná, durante a festa de aniversário de Arruda com temática petista. Ele completou 50 anos no dia da sua morte.

Apoiador do presidente Jair Bolsonaro (PL), o agente penitenciário também foi alvejado por Arruda e está internado em estado grave. Nas redes sociais, ele afirma ser cristão e conservador, possui várias publicações pró-governo e endossa o discurso a favor do armamento da população, além de se posicionar contra o aborto e as drogas.

Em dezembro de 2018, Guaranho compartilhou uma notícia no Facebook sobre um projeto de lei que visava o aumento da pena para quem maltrata animais. Na legenda, ele escreveu que "todo tipo de violência deve ser firmemente punido, seja contra os homens, seja contra os animais indefesos".

Em janeiro do ano seguinte, na mesma rede social, o policial, que diz ser 200% Bolsonaro, fez uma publicação pró-armamentista. "Estão criticando quem quer arma (...) e que pobre não pode comprar. Será que eles sabem quanto custa um iPhone?", escreveu. Com inúmeras críticas à esquerda, o policial penal também já questionou a qualidade da educação universitária. "As universidades públicas viraram um puxadinho do PT. E ainda tem gente que diz que não existe doutrinação", criticou em uma publicação feita em outubro de 2018.

REDES SOCIAIS/REPRODUÇÃO

Jorge José Guaranho afirma ser contra a violência, mas defende o armamento da sociedade

Polícia investiga motivação

SÍLVIA PIRES

O agente penitenciário federal Jorge José da Rocha Guaranho, que invadiu a festa de aniversário e matou Marcelo Arruda, tesoureiro do PT, sobreviveu e está internado, em estado grave, na UTI de um hospital de Foz do Iguaçu, no Paraná. A informação foi confirmada na tarde de ontem pela delegada Iane Cardoso, da Polícia Civil do Estado do Paraná, em coletiva de imprensa. "Ele não veio a óbito. Pelo contrário, está em estado estável", declara. A delegada afirma ainda que o homem foi autuado em flagrante na noite do crime. "Ele está custodiado pela Polícia Militar, enquanto recebe o auxílio médico", disse.

Para a polícia, Jorge e Marcelo se conheciam, mas ainda não há indícios de que tenha havido divergências anteriores. "Ao que tudo indica ele não era convidado da festa. Estamos verificando porque ele foi até aquele local", informou. A Polícia Civil não confirma a motivação política do crime. "Estamos investigando. O que estão divulgando é que houve um conflito político, mas a polícia tem que investigar. Estamos tentando extrair a verdadeira motivação", comenta a delegada.

Nos próximos dias, a polícia deve ouvir a esposa de Marcelo e também a do agente penitenciário, além de todos que estiveram presentes na festa. "Dos que estavam no local, a polícia pegou depoimento apenas de um deles que estava sóbrio. Os demais tinham ingerido bebida alcoólica e não conseguiam dar o depoimento concreto", aponta.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Pagina:** 3 e 4

Copyright © Clipclap 2026.